

**A escritura e a diferença: Itinerário metamórfico da história vivida e da
literatura documentada em Teolinda Gersão**

**Writing and Difference: A Metamorphic Itinerary of Lived History and
Documented Literature in Teolinda Gersão**

Rodrigo Felipe Veloso

RESUMO: O artigo analisa a escrita de si na obra *Autobiografia não escrita de Martha Freud*, de Teolinda Gersão, explorando como a narrativa ficcional constrói a subjetividade da protagonista. A obra reimagina a vida de Martha Bernays, esposa de Sigmund Freud, oferecendo-lhe uma voz própria em contraste com a posição de silêncio e submissão historicamente atribuída às mulheres no contexto patriarcal do século XIX e início do XX. A escrita de si, enquanto conceito da literatura autobiográfica, autoficcional e de autoconhecimento, é abordada a partir das teorias de Philippe Lejeune, Michel Foucault, Carl Gustav Jung e Jacques Derrida.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa. Teolinda Gersão. Autobiografia. Escrita de si. Individuação.

ABSTRACT: This article analyzes self-writing in Teolinda Gersão's *The Unwritten Autobiography of Martha Freud*, exploring how the fictional narrative constructs the protagonist's subjectivity. The work reimagines the life of Martha Bernays, Sigmund Freud's wife, offering her a voice of her own in contrast to the position of silence and submission historically attributed to women in the patriarchal context of the 19th and early 20th centuries. Self-writing, as a concept in autobiographical, autofictional, and self-knowledge literature, is approached based on the theories of Philippe Lejeune, Michel Foucault, Carl Gustav Jung, and Jacques Derrida.

Key words: Portuguese Literature. Teolinda Gersão. Autobiography. Self-writing. Individuation.

Introdução

Quem olha para fora, sonha! Quem olha para dentro,
desperta! (Carl Gustav Jung)

O centro de minha vida não eram meus filhos. Era meu
marido. Tudo gravitava ao seu redor. [...] Ele [Freud] era
o nosso sol e, como girassóis, éramos atraídos por sua
luz. (Martha Freud).

A estreia de Teolinda Gersão no contexto português das letras aconteceu com a publicação do romance *O silêncio*, em 1981, uma vez que este impressionou a crítica literária e lhe valeu o prêmio de ficção do Pen Clube. Além disso, a escritora se tornou uma das vozes mais singulares da ficção portuguesa pós-25 de Abril, data da Revolução dos Cravos. Teolinda nasceu em Coimbra e estudou Germanística e Anglistica nas Universidades de Coimbra, Tuebingen e Berlim. Foi docente na Faculdade de Letras de Lisboa e professora catedrática da Universidade Nova de Lisboa. A partir de

1995, ela passou a dedicar-se exclusivamente à literatura.

Annabella Rita e Miguel Real (2021) descrevem as narrativas de Teolinda Gersão sobre um ponto fundamental que se refere à harmonia, ou seja, harmonia no registro escrito, no estilo em períodos breves, na caracterização dos comportamentos das personagens, na evidência de uma ludicidade narrativa, no modo suave da escrita, no todo da narração.

Ademais, Rita e Real propõem que na obra de Gersão, o discurso promove

relações intertextuais através de uma tópica em que cada imagem é plurissignificativa e plurifuncional: cada uma, para além do significado literal, arrasta outros, cuja dimensão simbólica remete para outros textos da autora. Esse procedimento contribui para um efeito de coesão da obra, no seu conjunto, da mesma forma que insinua uma escrita de retomada e de evocação de si, de palavra sobre a palavra, de palavra ao espelho. Dessa continuidade na diversidade emerge uma figura autoral que vamos reencontrando de texto para texto em permanente (ir)reconhecimento. (Rita; Real, 2021, p. 12-13).

Essa essência da escrita de Gersão aponta numa diluição das fronteiras da sua ficção que se mostra em “continuidade na descontinuidade”, isto é, o seu universo criativo e literário convoca o leitor para dentro dessa cena narrativa que incorpora uma reunião de elementos culturais, imaginários e sociais, cada imagem é um caminho a ser trilhado e alcançado, não existem pontas soltas, o aprimoramento é o verniz necessário para que a coloração textual brilhe além das tintas “escritas”, combinadas e harmonizadas.

O artigo analisa a escrita de si na obra *Autobiografia não escrita de Martha Freud*, de Teolinda Gersão, explorando como a narrativa ficcional constrói a subjetividade da protagonista. A obra reimagina a vida de Martha Bernays, esposa de Sigmund Freud, oferecendo-lhe uma voz própria em contraste com a posição de silêncio e submissão historicamente atribuída às mulheres no contexto patriarcal do século XIX e início do XX. A escrita de si, enquanto conceito da literatura autobiográfica, autoficcional e de autoconhecimento, é abordada a partir das teorias de Philippe Lejeune, Michel Foucault, Carl Gustav Jung e Jacques Derrida.

Nesse contexto, discute-se como a narrativa de Gersão desafia os limites entre biografia e ficção, transformando a vida de Martha Freud em um espaço de reflexão sobre identidade, memória e silenciamento feminino. A análise destaca a forma como a protagonista revisita sua trajetória, questionando seu papel de esposa e mãe, ao mesmo tempo, que observa, com olhar crítico, o impacto da psicanálise e da personalidade dominadora de Freud em sua existência. O discurso de Martha, ainda que ficcional, sugere uma escrita de resistência e reinterpretação da história, criando uma autobiografia possível para alguém que nunca a escreveu. O artigo conclui que *Autobiografia não escrita de Martha Freud* exemplifica um movimento literário de resgate e

reimaginação das vozes femininas apagadas, promovendo um diálogo entre literatura, história e subjetividade. Assim, o universo ficcional gerseano parece abrir-se e abrigar-se da novidade, renovar-se a cada nova paisagem, história, fantasia e personagens.

A escrita de si em *Autobiografia não escrita de Martha Freud*, de Teolinda Gersão

Em *Autobiografia não escrita*, Teolinda Gersão explora a complexa relação entre memória, identidade e o ato de escrever, construindo uma narrativa que interroga o próprio conceito de autobiografia. A autora desconstrói a ideia de uma autobiografia linear e definitiva, sugerindo que a vida, a memória e a escrita não podem ser simplificadas ou reduzidas a um relato fixo e imutável. No centro da obra, temos a figura de Martha Freud, uma mulher que tenta se entender e se afirmar por meio de uma escrita que, paradoxalmente, se recusa a se concretizar plenamente. A proposta de Gersão desafia as convenções da autobiografia tradicional, mostrando uma escrita que não é apenas um reflexo da vida, mas também uma forma de questionamento sobre o que é a própria identidade.

O “pacto autobiográfico” de Philippe Lejeune (2008) se refere à relação entre o autor e o leitor, onde o autor, ao escrever sua autobiografia, estabelece um compromisso com a verdade daquilo que é narrado, ou seja, a relação de identidade entre o autor real e o autor representado no texto. Lejeune define esse pacto como uma espécie de “promessa” do autor de ser ele mesmo, na medida em que a narrativa se apresenta como um relato verídico de sua própria vida. “O autor o obriga a pensar na hipótese de uma reciprocidade: você estaria pronto a fazer a mesma coisa? E essa simples ideia incomoda. À diferença de outros contratos de leitura, o pacto autobiográfico é contagioso” (Lejeune, 2008, p. 74).

Em relação à *Autobiografia não escrita de Martha Freud*, pode-se observar que a obra de Gersão subverte esse pacto ao se aproximar de uma figura histórica real, a figura de Martha Freud, esposa de Sigmund Freud. O romance não se limita a ser uma autobiografia convencional, mas é mais uma reconstrução fictícia da vida de Martha Freud, o que coloca em questão a ideia de um “pacto autobiográfico” no sentido tradicional. Nesse caso, o texto não busca apresentar a “verdade” da vida de Martha, mas, sim, criar uma narrativa literária que, embora parta de uma figura histórica, é marcada pela imaginação e pela ficção.

Gersão, ao recriar um espaço para que a voz de Martha ressoe, prolifere faz uma espécie de “autobiografia não escrita”, dado que a verdadeira história dessa personagem foi em grande parte ofuscada pela figura de Freud. A narrativa foge da rigidez do pacto autobiográfico de Lejeune, pois o texto não é uma tentativa de revelar a realidade objetiva da vida de Martha, mas sim uma reinterpretação e reinvenção de sua história.

Em termos de análise literária, a narrativa de Gersão pode ser vista como uma crítica ao modelo de autobiografia tradicional, explorando a identidade da personagem de maneira complexa, com camadas de ficção e realidade, onde a “autobiografia não escrita” se torna uma forma de dar voz a quem foi silenciado pela história.

Nas trocas de cartas entre Martha e Freud, é ela quem as inicia, mesmo que detestava essa obrigação de escrever. “Sigi e eu trocamos em quatro anos bastante mais de mil e quinhentas cartas, que acabaram guardadas ao acaso em velhas caixas” (Gersão, 2024, p. 23). Martha desejou que as correspondências fossem destruídas no dia de seu casamento, porque registrava ali sua vida privada, no entanto, não se concretizou e “mesmo quando Sigi, em 1885, queimou todos os seus artigos, cartas e papéis, rejeitando uma parte de sua vida para seguir outro caminho, as cartas da família foram conservadas, entre elas as nossas” (Gersão, 2024, p. 23).

Os romances contemporâneos constituídos por cartas pressupõem contar a vida das personagens epistolares na medida em que estas vivam tais fatos. Por isso, Jean Rousset (1962) reitera na criação dos romances epistolares a ideia de uma escrita captando o tempo presente, contemporâneo, visto que as personagens representam sua vida introspectiva de maneira momentânea, fragmentada:

No romance por cartas os personagens contam suas vidas ao mesmo tempo que eles vivem isso; o leitor se torna contemporâneo da ação, ele a vivencia no momento em que ela é vivenciada e escrita pelo personagem. [...] As diversas letras de um mesmo personagem representarão a curva de sua vida interior, como uma série de instantâneos (Rousset, 1962, p. 69-70).

Interessante pontuar essa obstinação em destruir os vestígios de uma relação construída em um tempo específico por meio de cartas e, após a concretização dessa fase, a ideia em apagar e não preservar uma história que se conjugou no matrimônio. Diante de várias tentativas de aniquilar esse passado escrito e registrado, tais papéis se mantiveram intactos, foram poupados mesmo diante da queima de outros. Novamente, Martha, depois da morte de Sigi, pensou em destruí-las, mas seus filhos, dentre eles, Anna, quem detém a posse dos escritos do pai, não a autorizou, embora naquele momento, ela nunca tivesse lido tais cartas, que, por fim, se encontravam em Maresfielg Gardens, ou como enfatiza Martha: “[...] e, enquanto eu viver, são propriedade *minha*, porque só existiram e continuam a existir graças a mim, como destinatária ou como autora” (Gersão, 2024, p. 23, grifo da autora).

Essa tarefa de relembrar o passado se mostra sendo algo primordial para Martha, uma vez que as memórias existindo, por conseguinte, a vida também existirá, pois mantém centrado nela a intensidade, a energia das coisas por ainda existirem. Ao estudar um método de trabalho para

lê-las resolveu organizá-las cronologicamente, dando-lhe sentido como numa construção narrativa.

No exercício de leitura e posterior escrita sobre as cartas, a protagonista-escritora designa sendo aquilo que escreve um “romance em episódios”, que lhe parece ser uma definição mais adequada. Vale lembrar que a escritora Teolinda Gersão pontua na nota inicial do texto literário que não se trata de um “romance histórico”, pois não é adepta, mas sim, “de uma narrativa que respeita as personagens e as pretende interpretar com objetividade (dentro da subjetividade inevitável), procurando conexões entre sentimentos e acontecimentos, de modo a encontrar-lhes um sentido coerente e credível” (Gersão, 2024, p. 8).

O tom das cartas se acentua secreto e lê-las para a protagonista torna-se uma possibilidade em desvendar o seu segredo, pois não o conhece por inteiro e na atividade de leitura se aparenta clandestina, a salvo de qualquer outra percepção, haja vista que, por vezes, sentimentos de curiosidade e repugnância, “como num cadáver que em parte apodreceu” e outros de vaga ternura, belos, frágeis e ignorantes equacionados mediante relacionamento amoroso entre eles assinalam uma luta “contra moinhos de vento, Sigi que tanto gostava de D. Quixote, e eu que gostava tão pouco. E ao longo da vida errámos tanto” Gersão, 2024, p. 24).

A ideia de presunção de quem é parte envolvida, responsável por escrever a história de sua vida se mostra evidente, pois surge uma indagação: Martha sendo personagem de uma narrativa revelada por ela mesma enquanto exposição dos sentimentos e percepções do factual experimentado, mas arrolados numa ficção não poderia, portanto, o texto literário estar “contaminado” subjetivamente de um discurso hegemônico, não isenta da participação e influência particular? Isso mesmo que a voz autoral que escreve a narrativa de Martha seja a de Teolinda Gersão.

Tais questionamentos são respondidos pela protagonista-escritora que não se apresenta indiferente e imparcial: “Sou parte interessada, mas quero também ser juiz. Serei justa com ambos, apesar de ser juiz em causa própria. Mas Sigi também foi juiz em causa própria. E não era imparcial, exigiu sempre ter razão” (Gersão, 2024, p. 25).

Martha reconhece que permaneceu na sombra ao longo de muitos anos de relacionamento conjugal com Freud, pois ele procurou a si próprio durante toda a vida e, a partir de então, ela anseia essa posição e lugar, procura-se reconstruir, “nesta fase da vida, através das memórias soltas e destroços dispersos do passado” (Gersão, 2024, p. 25).

Com efeito, a protagonista ressalta que o encontro com Sigi-Freud começa por uma “relação escrita”, ou seja, as cartas foram o elemento essencial de aproximação e de vivência entre o casal e a difusão desse enlace amoroso é retratado pela escrita. Com isso, essa escrita inicial de Martha para seu Sigi remonta no envio de um bolo que ela mesma fez para ele que a retribui com um exemplar ilustrado do David Copperfield.

Afinal foi o senhor o primeiro, e ainda para mais com um presente tão rico, magnífico e apropriado. Fiquei envergonhada, surpreendida, e ao mesmo tempo imensamente alegre. Que estas linhas lhe agradeçam – mas na verdade prefiro esperar até poder apertar-lhe a mão calorosamente, será muito melhor, não acha? Até breve! Martha (Gersão, 2024, p. 29).

Fica nítida a intenção de Martha em estar com Freud pessoalmente, porque o sentimento que nutre por ele a cada dia se mostra mais acalorado e intenso. “Continuei portanto a ser ousada, embora me colocasse modestamente em segundo plano, concedendo-lhe a falsa primazia de ter sido o primeiro a agir” (Gersão, 2024, p. 29). Ela reflete dessa primeira ação para com Sigi dizendo que “a intuição dizia-me que ele teria querido dar o primeiro passo, e fabriquei, para lhe agradar, essa versão da história” (Gersão, 2024, p. 29).

Dentro dessa perspectiva, Martha recebe um ramo de flores contendo uma breve mensagem: “para a mais querida jovem, como tributo pelo dia perdido de ontem, com o pedido de que este presente não sobrecarregue de trabalho as frágeis mãos infantis” (Gersão, 2024, p. 29). Ela o interroga pela expressão “frágeis mãos infantis”, mas não recusa essa qualificação na continuidade da conversa escrita destinada a ele. Isso porque Martha desde a primeira carta havia o colocado em um patamar de destaque, especialmente pelo homem célebre, um “homem da ciência”, um “severo Senhor Doutor”, que dissecava tudo de maneira atenta. Ela diante dele se comportava alegre, despreocupada e o seu prazer era dar e receber em igual medida todo o amor possível e, sobretudo, essa era a sua concepção de felicidade. “Por isso ousava tanto, em poucas linhas” (Gersão, 2024, p. 30).

O primeiro encontro entre o casal foi estranho, curioso, conforme Martha descreve numa carta de 2 de julho:

lembro-me bem que tu, em vez de sentares á mesa conosco e com as tuas irmãs, de modo tranquilo, decente e burguês, corrias com um leão na jaula de um lado para o outro da sala, paravas uma vez por outra em pé junto da mesa, ouvindo com indiferença a nossa conversa de raparigas e, de vez em quando, lançavas-me olhares furiosos, ou assim me parecia. E quando fomos embora nem sequer te oferecestes para nos acompanhar, deixaste, contra todas as normas, duas juvenzinhas indefesas peregrinar num domingo à noite, pelo meio da névoa horrível Rua do Imperador Josef. Que falta de cavalheirismo, não achas? Criticámos-te bastante, acredita! (Gersão, 2024, p. 31).

Sigi recorda desse momento descrevendo Martha como uma menina pequena e gentil, que o deixou atônito e paralisado. Em 14 de junho, pouco depois de conhecê-lo escreve uma carta íntima e

apaixonada: “tenho à minha frente as magníficas rosas que hoje me ofereceu e que, no seu perfume, me transmitem os afetuosos cumprimentos de severo amigo recém-conquistado [...] somos ainda tão jovens [...], e quando o sol brilha tudo é tão belo [...]” (Gersão, 2024, p. 32). O perfume das rosas suscita na protagonista sensações afetuosas e diversas, ela se mostra acessível para revelar sua intimidade e, ao mesmo tempo, deixa-o também livre para entrar no seu espaço outrora reservado.

No capítulo quarto intitulado “Dias felizes”, Freud relata ter recebido uma longa carta de Martha e a responde dizendo com certa veemência: “cara Martha, como você mudou a minha vida” (Gersão, 2024, p. 35). A reflexão diante dos escritos do Doutor Sigmund Freud assim como ele o nomeia no término da carta reproduz o teor que nela contém, ou seja, ele se mostra diretamente distante, não tão envolvido e apaixonado como ela demonstra. Freud revela: “se Martha, ao ler estas linhas, escritas sem qualquer controle, não sentir como eu, ou trocará de mim, ou ficará ofendida e recuará. E tenho de esperar um dia mortalmente longo até ler nos seus olhos o fim dos meus receios” (Gersão, 2024, p. 36).

A escrita de si em Michel Foucault (1992), especialmente no que ele trata em seus trabalhos sobre práticas de subjetivação e o cuidado de si, é uma perspectiva interessante para analisar *Autobiografia não escrita de Martha Freud*, de Teolinda Gersão. Foucault propõe a escrita de si como um meio de autoformação e de autoconhecimento, algo que está relacionado com a construção da identidade, mas que também implica um exercício de reflexão e até de resistência ao poder. No caso das autobiografias, ele considera que a escrita do sujeito, especialmente no contexto da filosofia e da literatura, vai além da simples narração da vida; ela é uma prática de se tornar quem se é, no jogo entre verdade, poder e saber.

Com efeito, no romance em questão, esse conceito de Foucault se reflete nas cartas de Martha, que se tornam um meio crucial de autoconhecimento e de constituição de sua subjetividade. As cartas, nesse sentido, são mais do que simples comunicações: elas são uma forma de Martha se relacionar consigo mesma e com o outro (Freud, a sociedade, e, indiretamente, o leitor). Ao escrever suas cartas, ela está não apenas narrando eventos ou sentimentos, mas construindo a própria percepção de sua identidade. As cartas funcionam como um espaço de reflexão íntima, mas também de confrontação e de negociação de sua posição no mundo, seja como esposa de Freud, mãe ou mulher.

Na ótica de Foucault, o processo de escrita das cartas é uma forma de “cuidado de si”, no qual Martha não apenas expressa seus sentimentos ou emoções, mas também exerce um certo controle sobre sua narrativa pessoal, tentando construir um sentido para sua vida dentro das limitações e exigências que lhe são impostas pela sociedade patriarcal e pela figura dominante de Freud. A escrita das cartas é, portanto, uma forma de resistência, de autoconhecimento e também de afirmação da identidade de Martha, que se constrói através da tensão entre o que é privado e o que

é público, entre a mulher que ela é e a mulher que a história a define.

Foucault, ao falar sobre o “cuidado de si”, destacaria o modo como a escrita de Martha não é simplesmente um meio de autoexpressão, mas uma prática que envolve certa disciplina e uma procura por um entendimento mais profundo de si mesma. A carta se torna um veículo que não apenas transmite sentimentos ou informações, mas que está imbuído de um processo de autoconstrução da identidade. Afinal, o estudioso afirma que “escrever é, portanto, ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro” (Foucault, 1992, p. 156).

Além disso, ao focar nas cartas, Gersão nos convida a pensar sobre o próprio ato de escrever e como ele pode se tornar uma ferramenta de resistência ou de revelação pessoal, um modo de Martha se afirmar, não mais como uma figura submissa à grande narrativa de Freud, mas como uma pessoa complexa, com desejos, dúvidas e questões próprias. O ato de escrever, neste caso, é um caminho que busca não apenas a representação da realidade, mas a construção da própria realidade.

Isso encaixa bem com a crítica de Foucault ao olhar biográfico tradicional, onde a vida do indivíduo é apenas “recuperada” pela história ou pela psicologia. Na narrativa de Gersão, Martha se dá a oportunidade de contar sua própria versão, talvez até de criar seu próprio caminho de autoconhecimento. Ao contrário de um simples relato dos fatos, a escrita das cartas é um meio de construir a si mesma, um ato de resistência à opressão de narrativas externas. Assim, a carta atua no destinatário e no remetente uma “introspecção” que se designa como “deciframento de si por si do que como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo” (Foucault, 1992, p. 157).

O processo de correspondência trocado entre Martha e Freud revela os dois lados presentes na comunicação, no entanto, a avaliação dos escritos das cartas é coletivamente apresentável na voz da protagonista-escritora. É ela quem fala, analisa, conceitua e define o quão “terrivelmente severo” torna-se essa dinâmica comunicativa e interpessoal, haja vista que revela os prenúncios do que iria encontrar, entretanto, ela sente-se temerosa por ter vivido tais fatos e novamente correr o perigo de ser atingida por eles: “não posso acreditar que não corro perigo se novas emoções influenciarem Martha” (Gersão, 2024, p. 37).

O exercício das trocas das cartas sinaliza o registro das subjetividades por meio de uma escrita de autoconhecimento, em especial, para Martha que escreve seus amores e dissabores. Carl Gustav Jung (2019) acreditava que o Tarô é uma expressão do inconsciente coletivo e que as cartas representam arquétipos. Ele considerava que as cartas do Tarô podiam ajudar as pessoas a refletir sobre si mesmas e a tomar decisões mais favoráveis.

O inconsciente coletivo, nesse aspecto, é um conteúdo residual de todas as experiências da humanidade, que se atualiza ao longo do tempo, enquanto os arquétipos são padrões universais de pensamento e comportamento que se manifestam em mitos, contos de fadas e símbolos culturais.

O processo de individuação, isto é, de autoconhecimento é o caminho para se tornar um ser único, na medida em que se descobre a singularidade mais íntima e incomparável. Jung acreditava que o inconsciente cria o consciente, sendo, portanto, a “mãe da consciência”. As cartas do Tarô podiam ajudar a refletir sobre as virtudes e dissabores da própria existência. Elas ajudariam a acessar as raízes mais profundas da psique e entender melhor os padrões e comportamentos. Jung acreditava que os conflitos humanos começam dentro de cada pessoa, e que entender-se a si mesmo é um grande passo para a humanidade.

As cartas de Martha e Freud sintetizam tal processo junguiano, visto que eles começam a se conhecer e desenvolver um relacionamento por meio delas. Dessa forma, foram quatro anos de comunicação entre eles, com mais de mil cartas escritas. As confissões e intimidades expostas demarcam o quão doloroso e aprendível é toda essa dinâmica do (auto) conhecer-se que se reflete no (auto) limitar-se, a fim de saber até onde pode ir; não ultrapassar a fronteira parece ser um caminho necessário e de espera das coisas ali surgidas e prontas a amadurecem até se tornarem conjugadas e vividas conjuntamente. Logo, a análise realizada das cartas ajuda a compreender os dois lados da história, das personagens reais e suas performances mesmo temporalmente circunscritas no discurso ficcional-literário.

A percepção da epifania do ato de escrever como individuação está ligada ao efeito de clarear, despertar o conhecimento e aprendizagem de quem somos e de quem nos tornamos, visto que Jung destaca que o despertar apropriado acontece no processo de olhar para dentro de nós mesmos. Substancialmente, reside nessa poética do olhar uma metáfora, isto é, a expressão “olhar para si próprio” ou “olhar para dentro de si”, se (re) produz no intuito de que devemos atentar-se a nós mesmos na mesma proporção em que devemos atentar-se ao que está fora, no universo coletivo e social. Dessa aprendizagem do olhar a si (interno) e ao outro que torna mero reflexo e percepção de si (externo) remonta na descoberta da nossa própria essência e natureza humana e, assim, possamos comandar o nosso interior, a nossa personalidade e a nossa mente.

Teolinda Gersão é quem escreve a autobiografia de Martha Freud, que, antes do matrimônio tinha sua identidade própria, quer dizer, Martha Bernays. Depois da morte de Freud, ela assume novamente sua antiga identidade revelando assim, a desconstrução do mito freudiano por intermédio das cartas. Martha Freud não escreveu sua autobiografia e, sim, somente as cartas e nelas dá voz as mulheres apagadas e silenciadas pelos maridos, enfatizando, pois, uma escrita de resistência e luta contra o opressor.

Essa desconstrução que é feita por Martha diante da abordagem e história de hierarquia e paradoxo ligada a Freud assimila naquilo Jacques Derrida define como desconstrução, quer dizer, é uma abordagem filosófica que questiona a ideia de que um texto tem um significado fixo. Ela é uma crítica de pressupostos filosóficos, que visa desestabilizar a lógica da presença. A desconstrução de

Derrida é uma estratégia de decomposição para a metafísica ocidental. Ela não é uma doutrina, uma filosofia ou um método, mas uma forma de reorganizar o pensamento ocidental. Desmonta, decompõe e interpreta conceitos, revela as contradições e ambiguidades de um texto, questiona a ideia de que um texto possui um significado fixo e estável, desestabiliza a lógica da presença, desmistifica ou desideologiza os filosofemas ocidentais e reorganiza o pensamento ocidental perante contradições e desigualdades.

Nesse sentido, a postura de Martha ao redigir as cartas demonstra que essa escrita é um suplemento, na proporção em que ela concentra em si as definições para substituição da presença e da soma agregadora, que opera as aporias e os embates insolúveis do pensamento. Esse jogo da desconstrução que se conjuga no perde e ganha é sempre instantâneo desde o começo; é derivado, o que implica na intencionalidade da escrita que é frequentemente suplementada por algo a mais, em muitas ocasiões o ato de assegurar algo esconde em sua camada endógena à verdadeira essência por detrás da palavra dita ou escrita, que é contrária a essa posição afirmativa, tornando algo menos ou diferente do que se propunha a dizer.

Vemos, exemplarmente, como o texto de Martha afirma de maneira categórica, explícita e, muitas vezes emblemática uma condenação ao seu marido Freud por sua capacidade reduzida de autonomia das coisas e da sobreposição e imposição que ele determinava a ela. “[...] não estou a escrever a uma estranha, mas à jovem que – na verdade desde há poucos dias, mas já depois de uma infundável corrente de pensamentos, considero o meu amigo mais querido” (Gersão, 2024, p. 36).

Essa foi a declaração de amor que ele a enviou antes de se deslocar temporariamente para Wandsbek. “*Estou a arriscar muito a escrever isto. Ama-me mas receia não ser correspondido, desculpa-se por na véspera, a sós, não ter conseguido dizer-me o que agora tenta expressar, [...] distanciando-se de novo e usando um estatuto de poder: ‘Dr. Sigm. Freud’*” (Gersão, 2024, p. 37, grifos da autora).

O conceito de “não escrita” também está presente como uma metáfora poderosa ao longo da obra. Martha Freud, no decorrer da sua história de vida, se vê constantemente confrontada com o silêncio – seja o silêncio imposto pela sociedade, pela cultura patriarcal, ou o silêncio interno, aquele relacionado à dificuldade de se expressar de maneira completa. Esse silêncio é tanto uma impossibilidade quanto uma escolha, uma forma de resistência à imposição de uma narrativa única sobre a vida.

Martha, portanto, é uma personagem que luta contra as normas que tentam silenciá-la, e o “não escrito” é, sobretudo, uma forma de liberdade. A ausência de uma narrativa definitiva, a recusa de Martha em se encaixar em um molde de autobiografia tradicional, representa, assim, a sua resistência à normalização da sua história. Ela se recusa a ser reduzida a uma narrativa que a

determine de forma fixa, e, nesse recuo, encontra uma forma de afirmação da sua subjetividade.

Considerações finais

Autobiografia Não Escrita de Teolinda Gersão propõe uma reflexão profunda sobre os limites da escrita e da autobiografia. Ao desafiar a forma tradicional de narração da vida e da identidade, a obra questiona o que significa escrever sobre si e como a memória, a subjetividade e o silêncio influenciam esse processo. A personagem de Martha Freud é um exemplo da luta constante para entender quem se é, através de uma escrita que não se fecha, mas se expande em fragmentos e ausências.

Neste sentido, a obra de Gersão oferece uma visão de que a autobiografia não é uma prática de afirmação fixa do “eu”, mas um processo dinâmico, aberto e em constante transformação, refletindo a complexidade da experiência humana. A recusa de Martha Freud em construir uma autobiografia linear e definitiva é, assim, a construção de um espaço de liberdade para a subjetividade, onde o “não escrito” se torna uma forma de resistência e de autodescoberta.

Referências

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. Trad. **O que é um autor?** Trad. Antônio Fernando Cascais, Eduardo Cordeiro. Rio de Janeiro: Vega, 1992.

GERSÃO, Teolinda. **A autobiografia não escrita de Martha Freud**. Portugal: Porto Editora, 2024.

GERSÃO, Teolinda. E-mail Lançamento Livro **A autobiografia não escrita de Martha Freud** enviada ao Grupo de Pesquisa Teolinda Gersão. 2024.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

LEJEUNE, Philippe. El pacto autobiográfico. In: LOUREIRO, Ángel G. (Org.). **La autobiografía y sus problemas teóricos**. Barcelona: Antropos, 1991. p. 47-61.

MITIDIERI, A. L. **Como e porque (des) ler os clássicos da biografia**. Porto Alegre: EDIPUCRS; IEL, 2010.

RITA, Annabela.; REAL, Miguel. **O essencial sobre Teolinda Gersão**. Lisboa: Imprensa Nacional, 2021.

ROSEN, N. **Madame Freud: um retrato íntimo e revelador do pai da psicanálise pelo olhar de sua esposa**. Trad. Marisa Rosseto. Campinas/SP: Verus, 2008.

ROUSSET, Jean. **Forme et signification**. Essai sur des structures littéraires de Corneille à Claudel. Paris: José Corti, 1962.

Data de submissão: 10/02/2026

Data de aceite: 14/03/2026